

Arte & Literatura – Resenha

No Zênite. Duong Thu Huong, Alfaguara, 2011

Duong Thu Huong é a escritora vietnamita mais prestigiada no mundo. Nasceu em 1947, no período mais violento da guerra anti-colonial (contra a França) e com apenas 20 anos se incorporou na brigada feminina voluntária, um grupo de 40 mulheres que tinham como missão levar espetáculos teatrais ao front mais trágico da “Guerra Contra os Americanos” (como se chama lá o que aqui chamamos de Guerra do Vietnã). Passou sete anos nas florestas e nos túneis subterrâneos de Bin Trie Thien, a região mais castigada pela poderosa aviação americana. Sua missão era “cantar mais alto do que as bombas”. Foi uma das três sobreviventes da brigada.

Após a libertação dedicou-se à literatura e foi a escritora mais popular do Vietnã nos anos 80. Mas quando resolveu denunciar em suas obras a corrupção e a crueldade do regime comunista foi banida do Partido e presa por sete meses. Foi mantida sob “proteção policial” em sua casa em Hanói até 2006, quando finalmente emigrou para Paris, onde vive até hoje.

No Zênite, o seu mais recente livro, foi lançado em 2009 e editado no Brasil em 2011 pela Alfaguara, a partir da versão francesa. Neste romance, fruto de quinze anos de pesquisa da autora, o leitor está diante de uma intrigante revelação dos últimos anos da vida do líder Ho Chi Minh (1890-1969). Este é sem dúvida um dos principais personagens da história da humanidade no século XX. Tem em seu currículo a vitória contra a ocupação japonesa, a luta contra a colonização francesa e a imposição de uma amarga derrota à maior potência militar e econômica do mundo. Uma vez livre dos invasores japoneses, franceses e americanos, o Vietnã inicia uma trágica história de construção de uma sociedade socialista segundo os moldes estalinistas. Até hoje Ho Chi Minh é venerado como “o Grande Tio”, uma espécie de figura paterna fundadora da identidade de toda uma nação.

Huong revela neste livro (e em entrevistas disponíveis no Youtube) a criação de uma ampla teia de controle da imagem sagrada do líder vietnamita, da qual nem o próprio Ho Chi Minh se livrava. Os membros do comitê central do Partido Comunista do Vietnã lhe impuseram um exílio interno em uma distante e montanhosa área do país, sob o pretexto de zelar pela longa vida do grande pai da nação. Antes deste evento, o Partido já tinha tomado todos os procedimentos para evitar que Ho Chi Minh assumisse o relacionamento amoroso que vivera aos sessenta anos de idade com uma jovem quarenta anos mais nova. A belíssima jovem Xuan foi mantida anonimamente em um casebre da periferia de Hanoi e nem mesmo as duas crianças que tivera com Ho Chi Minh sequer podiam se aproximar dos portões do palácio presidencial de seu pai.

Os acontecimentos se desencadeiam de tal forma que, em certo momento a jovem é estuprada por um membro do Comitê e Ministro do Estado. Seu corpo é abandonado em uma beira de estrada para simular um acidente. Assim, o povo (verdadeiro herói das guerras de libertação) é induzido a consumir a imagem engrandecida de um líder tão protetor e paternal que teria dedicado sua vida somente à revolução e ao povo, sem tempo nem necessidade para ter uma vida familiar comum e privativa.

Sintomaticamente, toda a riqueza da obra de Huong não pode mais ser apreciada no Vietnã, pois o Partido excluiu toda e qualquer menção a seu nome. Huong não existe. É como se não se pudesse encontrar no Brasil nenhum livro de Machado de Assis, nem mesmo o seu nome.

Do ponto de vista literário há que se observar que, ainda que muito tenha se perdido na tradução (algumas piadas são simplesmente incompreensíveis), a autora demonstrou muita habilidade na construção de uma escrita que sabe combinar a voz do narrador (em terceira pessoa) com o comentário dos três personagens principais (em itálico), sempre reverberando o que o narrador acaba de dizer.

A trama do romance é composta de três partes: na primeira o Presidente (como é Ho Chi Minh é nomeado em todo o livro) se encontra em reclusão na pequena aldeia do norte do país; na segunda desenrola-se a história do principal camponês desta aldeia, um lenhador cheio de iniciativa, bondoso e capaz de fazer riqueza; na terceira parte o leitor acompanha as agruras do cunhado de Xuan, aquele que tenta proteger a irmã e a “família” do presidente, sem que este o conheça.

Através da experiência destes três personagens o leitor é inserido no rico caldeirão cultural do Vietnã, em meio a paisagens deslumbrantes que servem de cenário para antigos costumes rurais que resistem aos novos desafios da sociedade. Muitos aspectos do socialismo vietnamita podem ser apenas intuídos, uma vez que não existem estudos tão numerosos e aprofundados para entender esta sociedade comunista, tal como existem, por exemplo, para o caso chinês e para a antiga URSS.

Podemos, assim, apreciar a convivência dos complexos rituais funerários do povo com as formas de planejamento familiar aplicadas pelo governo. O funeral é obrigação do filho e um temor do pai, sempre preocupado com o destino de sua alma. Podemos ainda assistir à competição da colheita de cogumelos na estação das chuvas, momento em que as famílias disputam a maior quantidade colhida. Também somos apresentados aos métodos produtivos agrários depois que o Partido abandonou a reforma agrária radical e restabeleceu a propriedade privada (familiar, é claro, nada de latifúndio). As grandes obras civis misturam o que antes era impensável: grupos de homens e de mulheres, as chamadas “mulheres do canteiro”. Aliás, foi ali que surgiu a jovem esposa do lenhador, cujo funeral tem a nobre presença do velho Presidente.

Ao acompanhar a história do cunhado de Xuan (a esposa escondida do Presidente) o leitor é brindado com “imagens” reveladoras sobre o campo de batalha, o hospital de campanha e até as apresentações das mocinhas da Brigada Feminina. Aquele que já assistiu *Platoon* e que viu o sargento Elias correr pelos corredores subterrâneos, agora pode completar a cena e imaginar que ali naquele buraco estaria o generoso comandante An, sempre alerta para defender a pátria e a cunhada-primeira-dama. Elias poderia até ter disparado contra a própria autora deste romance, pois Huong retrata as meninas com um toque autobiográfico. Aposto que você torceu pro Elias contra o malvado do sargento Barnes. O leitor vai se lembrar também das curiosas e inesperadas cenas de *Apocalypse Now*, nas quais as coelhinhas da Playboy fazem um show “motivacional” para uma platéia de excitados soldados americanos em plena selva vietnamita. Cada sistema com suas ideologias e suas idealizações.

João Pedro Ricaldes, dezembro de 2012